

MÁRIO DE ANDRADE E A LITERATURA EPISTOLAR

*Ana Carolina Simões Fatecha*¹

*Sandra Maria Costa Cardoso*²

*Verônica de Almeida Soares*³

*Guardar as cartas consigo,
Nunca mostrar a ninguém,
Não as publicar também:
De indiferente ou de amigo,
Guardar ou rasgar. Ao sol
Carta é farol.*

Mário de Andrade,

A lição do guru.

Resumo

Pós-Modernidade: tempo da velocidade, da imagem, da linguagem cifrada da comunicação digital. O que levaria uma jovem a interessar-se pela

1 Ex-aluna do Curso Técnico de Administração Hospitalar da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/FIOCRUZ). Graduada em Farmácia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pós-graduada em Farmacologia pela Associação Brasileira de Farmacêuticos (ABF). <carolfatecha@terra.com.br>

2 Professora-pesquisadora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz). Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/RJ), professora da Universidade Estácio de Sá (UNESA), professora da rede estadual de educação. <capitu@fiocruz.br>

3 Professora-pesquisadora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz). Graduada em Educação Artística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora da rede estadual de educação. <acinorev@fiocruz.br>

leitura de cartas manuscritas trocadas entre artistas (escritores e pintores), nas primeiras décadas do século XX? Talvez, quem sabe, a descoberta e o prazer, propiciados pela leitura, de voltar no tempo, um tempo marcado pelas mudanças trazidas pela modernidade: a luz elétrica, o bonde, as novas avenidas, os primeiros cafés.

O presente artigo, escrito inicialmente como trabalho de conclusão de curso, em 2001, tem como objeto de reflexão, o estudo do que, hoje, chamamos de Literatura Epistolar. Tal estudo consiste na leitura e análise de algumas cartas trocadas entre os missivistas Mário de Andrade e Rodrigo Mello Franco de Andrade, Murilo Miranda, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. Através de suas leituras, conhecemos as multifacetadas de Mário de Andrade: poeta, crítico, musicólogo, folclorista, líder do Movimento Modernista de 22. Conhecemos, também, as suas relações de amizade, que deixam transparecer o desejo de construção de um projeto coletivo de sociedade. Privilegiam-se, no estudo, as cartas que tratam, principalmente, de questões relativas ao trabalho e as que dizem respeito a assuntos pessoais.

Palavras-chave: Mário de Andrade; Literatura Epistolar; Modernismo; cartas de amizade; cartas de trabalho.

Introdução

Viajar no tempo. De 2000 para 1920, 30, 40. A familiaridade com e-mails, orkut, fax, celulares, tv, rádio, meios de comunicação velozes que fazem parte do nosso cotidiano e a permanência do gosto de enviar e receber cartas, apesar da vida agitada de hoje, nos leva a refletir sobre a importância da correspondência para a geração modernista, nas primeiras décadas do século XX. Aguardar ansiosamente cartas, cartões-postais, telegramas, em que a caligrafia, o tipo da máquina de escrever, o papel, os selos, as fotografias e as



notícias aproximavam leitores e remetentes, às vezes, distanciados no espaço.

Este artigo apresenta um breve estudo sobre o poeta Mário de Andrade (1893-1945), através de sua correspondência com diversos artistas e intelectuais do século XX. O tema, desenvolvido em forma de monografia, em 2001, e que agora retorna, surgiu da realização de um trabalho de leitura plástica da obra *O Farol*, da pintora Anita Malfatti. A artista fez parte do Grupo dos Cinco do Modernismo Brasileiro, que incluía, também, os poetas Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade e a artista plástica Tarsila do Amaral. Os artistas em questão trocaram correspondências entre si e através da amizade e de projetos de arte buscaram repensar a estética da arte brasileira.

A centralidade desta pesquisa elege Mário de Andrade como correspondente ativo, interlocutor amigo e crítico. Permite-nos, através das cartas por ele enviadas, vislumbrar o contexto sócio-cultural da época em que viveu o poeta.

Esta correspondência constitui o que chamamos, atualmente, de Literatura Epistolar e vem despertando o interesse de vários pesquisadores, propiciando a construção, o acesso e a publicação de trabalhos sobre acervos de epístolas.

As fontes usadas nesta pesquisa foram algumas cartas trocadas entre Mário de Andrade e Rodrigo de Mello Franco de Andrade, Murilo Miranda, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. Lendo e analisando essas cartas, percebe-se que seu conteúdo ultrapassa informações pessoais a respeito de Mário de Andrade; constituem um material riquíssimo que nos dá a conhecer o poeta, o romancista, o contista, o ensaísta, o estudioso de folclore e música, o crítico de arte – “Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta” – Mário Raul de Moraes Andrade, além de nos possibilitar ter um retrato do que foram a sociedade e a cultura brasileiras, nas primeiras décadas do século XX.

Vida e Obra de Mário de Andrade

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo, em 9 de outubro de 1893, e veio a falecer em 25 de fevereiro de 1945, com 52 anos, de um ataque cardíaco. Viveu no contexto de duas guerras mundiais, quando o mundo sofreu grandes inovações, uma verdadeira renovação cultural, fruto da perplexidade do homem contemporâneo diante dos acontecimentos.

Seu nome é um dos mais citados quando se fala em Modernismo Brasileiro. Mário foi um dos organizadores da Semana de 22, da qual participou ativamente. Antes desse período, assinava com o codinome Mário Sobral. E foi com este codinome que comprou o quadro *O Japonês*, de Anita Malfatti, feito para a sua exposição individual de 1917, data em que conheceu a jovem pintora, que veio a se tornar sua grande companheira, e em que escreveu *Há uma gota de sangue em cada poema*, seu primeiro livro de poesias. Durante a Semana de Arte Moderna, de 1922, Mário apresentou seu segundo livro, *Paulicéia Desvairada*. Logo após, o poeta participou das principais revistas modernistas, como *Klaxon*, *Estética*, *Terra Roxa* e *Outras Terras*. Em 1928, o poeta escreveu *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter.

Mário teve uma vida de intensa produção literária, e ainda fez estudos sobre artes plásticas, música e folclore brasileiro. Em sua produção literária vê-se, desde as primeiras experimentações estéticas até as suas últimas obras, passando pelos seus estudos críticos, conferências e observações que se encontram ao longo de seus poemas, que Mário de Andrade foi um autor muito constante e entregue às idéias de renovação literária de sua época, o que fez dele um escritor experimental e versátil.



Pensamentos sobre Mário de Andrade

“Dada a riqueza de sua personalidade; suas audácias e cóleras de homem tímido e bom, sua agressividade e seus arrependimentos; seu feitio grave e brincalhão; seu regionalismo, seu brasileiro e seu universalismo; seus contrastes de corpo e espírito, e aquela forma de inteligência que o distinguia, do ser humano que encarnou, do amigo, do irmão que foi para a quase totalidade dos intelectuais do tempo – no dizer tão lúcido e sensível de Henriqueta Lisboa” (apud Meireles, 1996, p. 21).

Mário estava sempre procurando atualizar seus textos, fosse através do conteúdo ou da linguagem. Certa vez, ele disse:

“Escrever arte moderna não significa jamais para mim representar a vida atual no que tem de exterior: automóveis, cinema, asfalto. Se estas palavras freqüentam-me o livro, não é porque pense com elas escrever moderno, mas porque sendo meu livro moderno, elas têm nele sua razão de ser” (Bosi, s.d., p.348).

Uma das preocupações do poeta era desenvolver meios de promover uma coletivização da cultura do nosso país, que era marcado pela diferença entre culto (a cultura das burguesias) e popular (as manifestações do povo). Em “Cartas de trabalho. Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade. 1936-



1945”, Mário faz referência a uma carta dirigida a Paulo Duarte, em 1937, onde diz:

“Há que se forçar um maior entendimento mútuo, um maior nivelamento geral da cultura que, sem destruir a elite, a torne mais acessível a todos, e em conseqüência lhe dê uma vaidade verdadeiramente funcional. Está claro que o nivelamento não poderá consistir em cortar o tope ensolarado das elites, mas em provocar com atividade o erguimento das partes que estão na sombra, pondo-as em condições de receber mais luz. Tarefa que compete aos governos” (Frota, 1981).

Em relação ao seu vasto acervo de correspondência, Mário de Andrade sabia que estava construindo um acervo para a posteridade, prova disso é que ele tinha o cuidado de guardar e arquivar todas as suas cartas. O poeta costumava fazer cópias das cartas recebidas e das que enviava.

Através de suas cartas, Mário se tornou testemunha e memória de seu tempo.

O que é Literatura Epistolar

O ato de escrever uma carta significa, antes de tudo, a vontade de se comunicar com o outro e, a priori, mostrar ao outro o cotidiano, falando de assuntos que são de interesse do remetente. Está aí a vontade de ‘contar-se’ ao outro. Nem toda correspondência existente no mundo é considerada Literatura; há vários escritores cujas cartas são exemplos de Literatura Epistolar. Estes demonstram, por



meio delas, seu potencial literário. Um desses exemplos é o poeta Mário de Andrade.

No gênero epistolar, dois traços são perceptíveis: um é a questão do ensaio, onde o poeta faz da carta um instrumento para o processo de criação artística; o outro é a tendência em 'fantasiar' o cotidiano, contando histórias, quase que fazendo da carta o próprio texto literário. O ensaio possibilitado pelo gênero epistolar inclui desde discussões trocadas sobre o processo de criação até o envio de poemas e textos para o destinatário, passando pela experimentação da linguagem e da forma com que as palavras se apresentam nas cartas. Para Mário de Andrade, as cartas são o primeiro passo para a criação artística.

As cartas possibilitam, ainda, uma troca de trabalhos prontos. Afinal, se o destinatário participa do processo de criação, nada mais justo que este receba a obra pronta, antes de sua publicação. Em carta de 23 de janeiro de 1942, de Cecília Meireles, enviada a Mário de Andrade, há uma confirmação desta prática:

“Recebi seu livro, que o Bandeira deixou no jornal. Prefiro que V. fique fiel na amizade e me mande sempre os livros. Daqui a alguns tempos lhe mandarei o meu que vai ser impresso agora. Chama-se Vaga-Música” (Meireles, 1996, p. 298).

Além de ensaio artístico, o conteúdo das cartas mostra a tendência para considerá-las texto literário. Certamente devido à linguagem utilizada por seus remetentes. O exemplo das cartas de Madame de Sévigné,⁴ na França, é clássico em relação a isso. Suas cartas são, antes de tudo, um documento, por tratarem de histórias não-

⁴ Marie de Rabutin-Chantal (1626-1696), casada com o bretão Henri de Sévigné, e que durante sua vida passou por diversas dificuldades e converteu suas dores na forma de correspondência.



ficcionais, que envolviam personagens verídicos, podendo, também, serem lidas como romances. Há ainda o exemplo da de Pero Vaz de Caminha, que foi enviada a Portugal, por ocasião da chegada de suas caravelas ao Brasil, que mistura descrição de acontecimentos históricos com o ideário presente nos portugueses que aqui chegaram e viram a nova terra como uma sociedade de costumes totalmente diferentes dos praticados na Europa. Essa carta abriu um período de nossa literatura chamado Quinhentismo.

Como as cartas estão sempre se modificando em decorrência das mudanças sociais, o gênero epistolar não é um gênero fechado, mas flexível e adaptável a possíveis transformações.

A importância das cartas de Mário de Andrade

Mário de Andrade deixou um vasto arquivo de cartas para a posteridade. As recentes publicações sobre sua correspondência permitem que se tenha um arquivo importante sobre o escritor. Sua vida e obra podem ser vistas de forma a convidar o leitor a participar de suas memórias, permitem conhecer a atuação do poeta na sociedade de sua época, bem como seus sonhos, projetos, sentimentos e seu processo de criação e dos destinatários das cartas.

O próprio Mário, ainda em vida, reconhecia a importância que estas cartas poderiam vir a ter um dia. A evidência disso é que ele catalogava todas as correspondências que recebia.

As cartas de Mário de Andrade não podem deixar de ser classificadas como Literatura Epistolar. Mário acrescenta ao gênero novidades, e acaba por fugir da forma tradicional. Como um todo, observa-se uma manipulação do missivista sobre o gênero. Em sua correspondência, percebe-se, também, a incorporação da didática, tornando a carta um instrumento de ensino. Nelas, há indícios de transmissão



de conhecimentos e técnicas sobre os ideários da vanguarda, sendo visível que Mário queria compartilhar o seu saber com seus correspondentes. Na leitura de suas cartas, torna-se perceptível o interesse de Mário na formação do outro enquanto cidadão e artista, assim como é visível a característica do poeta de ler tudo aquilo que lhe mandam escritores de outras gerações.

Mário também se preocupava em estar ou não fazendo algo que se enquadrasse no sentido literal do gênero epistolar. Certa vez, Mário disse em carta enviada a Drummond em 16 de março de 1944:

“A mim também, como a todo sujeito que escreve cartas que não são apenas recados, me perturba sempre e me empobrece o problema infamante do estilo epistolar. Aquela pergunta desgraçada ‘não estarei fazendo literatura?’ ‘não estarei posando?’... é detestável, e muita coisa que prejudicará a naturalidade das minhas cartas, sobretudo sentimentos seqüestrados, descrições estúpidas e processos, exageros...” (Andrade, 1978b, p. 201).

Por vezes, Mário irritava-se com a possibilidade de um dia suas cartas virem a revelar parte de sua biografia de forma contraditória, aniquilando seu modo de pensar. Em carta a Murilo Miranda, Mário escreve:

“Declaro solenemente, em estado de razão perfeita, que quem algum dia publicar as cartas que possuo ou cartas escritas por mim, seja em que intenção for, é filho da puta, infame, canalha e covarde. Não tem noção da própria e alheia dignidade” (Antelo, 1981).



Entretanto, é notável que havia a consciência de estar construindo, na correspondência, uma obra para o futuro da cultura brasileira. A importância das cartas de Mário está ainda presente na sua atemporalidade. A cada novo leitor, há um novo destinatário.

Características das cartas de Mário de Andrade

A correspondência de Mário de Andrade, escrita na primeira metade do século XX, é de fundamental importância para o estudo da Literatura e da Arte brasileiras. Não apenas por demonstrar o lado poético e crítico de Mário, mas também por delinear as transformações pelas quais a cultura brasileira passava no início do século passado.

Podem-se destacar dois aspectos acerca das cartas de Mário de Andrade: o conteúdo e a forma. Ao analisar o conteúdo das cartas, percebem-se todo o contexto histórico e cultural da época, a reflexão do poeta sobre seu processo de criação artística e de artistas com quem se correspondia, além da sua preocupação com a formação de uma língua genuinamente brasileira. Através da forma em que as cartas foram escritas, podem-se observar as mudanças discutidas na gramática e perceber, pela estrutura do texto, características modernistas. Em carta enviada a Anita Malfatti, em 22 de dezembro de 1921, escreve:

*“crépuscule bougie silence....sombras....um pio.....
a Lua, pingo de tinta branca num papel verde azul.....
últimas aves....E os homens passam, e as mulheres....
Círios acesos....E a monotonia brancacenta das rezas
dos Sem-Pecado.....” (Batista, 1989,
p. 52).*



É de suma importância, ainda, ressaltar que Mário se apresenta como dois remetentes distintos: um é aquele que fala de trabalho e que mostra ser um grande crítico de arte, fato que, até então, pouco se valorizava no contexto cultural brasileiro, já que a vida crítica se limitava a elogios jornalísticos ou a discursos em aberturas de convenções; e o outro é o que se apresenta de forma íntima e pessoal, como mero comentarista de seu cotidiano.

Deve-se observar que cada carta possui um assunto central, que é sua característica marcante, entretanto não deixa de possuir assuntos periféricos ao tema central. Por exemplo, as cartas enviadas a Anita Malfatti, sua companheira especial, falavam basicamente de amizade sem, contudo, deixarem de falar de suas atividades profissionais, das notícias dos acontecimentos artísticos da Paulicéia e dos pintores e escultores modernistas:

“Sabes que o Oswaldo partiu para a Europa? (...) Tarsila chegou hoje. São 19 e 30. (...) Paulicéia dança arreada de cinemas e confeitarias. (...) É engraçado! a pintura brasileira hoje está dependendo das mulheres e nas mãos delas! Tu, Tarsila e Zina sempre caminhando, enquanto os homens decaem” (Batista, 1989, pp. 59, 65, 66, 67, 84).

Quanto à forma de escrever, Mário refletia com clareza seu pensamento nas cartas. Uma de suas preocupações era desenvolver uma língua genuinamente brasileira, uma das características marcante do Modernismo. Ao escrever, Mário de Andrade procurava simplificar a língua – o que demonstra que o poeta estava muito à frente de seus contemporâneos, aproximando a grafia da época à grafia atual de nossa língua.



Baseado no Vocabulário Alfabético e Remissivo da Língua Portuguesa, de Gonçalves Viana, Mário procura simplificar a língua brasileira a partir da reforma ortográfica ocorrida em Portugal, na época. O poeta eliminou as letras k, w e y, além do h no final e meio das palavras. Outra característica marcante da grafia de Mário era a opção pela letra i, que pode ser observada em palavras como si (se) e melhor (melhor), numa clara aproximação com a língua falada. Na acentuação, Mário restringiu o uso de acentos e palavras como também e alguém não são usadas com acento agudo. O uso mais freqüente é o de acento circunflexo, em palavras como êste e êle. Algo também peculiar é que Mário procurou padronizar graficamente a escrita: usava itálico para livros e obras de arte e aspas para as poesias (Batista, 1989, p. 6 -10).

Em carta enviada a Anita Malfatti, Mário utiliza-se de figuras de linguagem, como a aliteração – imita o barulho da máquina de escrever em “Taratá! Tarata! Tchim, bum! Alto prazer!” E mostra, mais uma vez, sua constante busca pela língua brasileira. Diz: “Desculpe o latim. Naturalmente está errado. Não sei a língua, mas sei sonhar”. Em outra carta enviada a Anita, Mário não utiliza nenhuma pontuação durante toda a carta, excluindo, assim, todos os pontos e as vírgulas: “Querida amiga choro de raiva automóvel maldito escrevo hoje contando minha saudade e desespero perda mil beijos nas tuas mãos divinas boa viagem felicidades Mário” (Batista, 1989, pp. 51, 52, 62).

Diante das inovações trazidas por Mário de Andrade à correspondência, não se pode deixar de reconhecer o valor que essas cartas possuem, tanto no campo artístico-literário como no histórico.

Uma leitura das cartas de Mário de Andrade



Na seleção das cartas analisadas, busca-se contemplar os principais correspondentes-destinatários e a multiplicidade de assuntos que abordam. No entanto, foram privilegiadas, na vasta epistolografia, as que tratam, principalmente, de questões relativas ao trabalho e de assuntos pessoais.

Cartas de Trabalho

As cartas de trabalho têm como característica principal a formalidade do texto, que vai desde a forma de tratamento no início da carta até a forma de despedida, e com uma linguagem extremamente objetiva. É perceptível que o vínculo criado entre Mário de Andrade e os destinatários dessas cartas beira a amizade formal.

Mário de Andrade e Rodrigo Mello Franco de Andrade (1916-1969) se conheceram por ocasião da nomeação de Rodrigo para diretor do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (SPHAN), de cuja criação Mário participou e onde trabalhou durante anos. Em carta enviada a Rodrigo, em 04 de maio de 1936, Mário escreve:

“Veja: para este mês de maio, afora os trabalhos do departamento que desde junho do ano passado me impedem todo e qualquer trabalho ou mesmo leitura pra mim mesmo, tenho: I. Conferência de paraninfo de Diplomados do Conservatório, no dia 18; II. Conferência sobre Terapêutica Musical, na Associação Paulista de Medicina, dia 24; III. Artigo de tese sobre as Orientações do Dep. De Cultura, para a revista acadêmica, a sair daqui, dia 10; (...) VI. Artigo sobre Carlos Gomes para Campinas, até o fim do mês!!! E para junho tenho ainda a conferência sobre A Moda Caipira, pro curso de Etnografia que instituí



no Departamento. E a conferência sobre a posição nacional de Carlos Gomes, pro ciclo de conferências aí do Ministério da Educação!” (Frota, 1981).

Mário também costuma falar de trabalhos que não eram de sua autoria em suas cartas, trabalhos estes que causavam comentários no meio acadêmico da época. Na carta enviada a Rodrigo Mello Franco de Andrade, em 04 de maio de 1936, Mário, referindo-se a uma homenagem que alguns poetas pretendiam fazer ao Manuel Bandeira, escreve:

“Sou absolutamente contrário à homenagem ao Manuel este ano. Questão de egoísmo. Não poderei comparecer, não se compreende uma homenagem ao Manuel sem minha colaboração. E esta não poderia vir tão já” (Frota, 1981).

Não se pode dizer que não houvesse nenhuma demonstração de amizade. Esta, muitas vezes, se resumia a desabafo pelo excesso de trabalho. Ainda na carta de 04 de maio de 1936, Mário diz: “É absurdo, Rodrigo, como estou trabalhando, não sei como agüento” (Frota, 1981).

A correspondência travada entre Mário e Murilo Miranda começou por iniciativa do segundo, que participava da Revista Acadêmica e pediu para que Mário lançasse seu livro nessa mesma revista. Mário também usava suas cartas para trocar trabalhos. Na carta enviada a Murilo Miranda, em 28 de novembro de 1934, ele diz: “Sou muito precavido, decerto questão de idade, e antes de lhe enviar os originais do livro combinado venho lhe perguntar várias coisas” (Antelo, 1981, p. 11).



E ainda, em carta enviada a Rodrigo de Andrade, em 02 de maio de 1944, o poeta Mário diz: “aqui lhe mando à pressa o que escrevi sobre ‘ARTE’ no Brasil” (Frota, 1981). Essa permuta de trabalhos tinha como principal objetivo trocar opiniões. Mário de Andrade se destacou como grande crítico de sua época e assume essa função na carta enviada a Rodrigo de Andrade, em 1944: “Sou palpiteiro mesmo, isso é sabido, e palpiteiro audacioso” (Frota, 1981). Em carta de 10 de janeiro de 1940, endereçada a Murilo, escreve: “Li o conto do Borba. Diga a ele que gostei. Parece que na ficção ele irá acentuar aquele humor bastante sarcástico com que ele contempla a vida e os homens em seus artigos” (Antelo, 1981, p. 52).

Muitas vezes essa troca de opiniões aparecia na forma de conselho. E o próprio Mário almejava tais conselhos. Na carta enviada a Rodrigo de Andrade, em 1944, ele diz:

“Desejava seu conselho e se possível o do Lúcio Costa, embora eu me reserve, está claro, a responsabilidade inteira do que eu escrevi. (...) De formas que o que eu peço por enquanto a vocês dois é a correção do que esteja positivamente errado, pra que ao menos de erros de ignorância e amadorismo eu me liberte” (Frota, 1981).

Mário de Andrade não tinha a prepotência de não trocar opiniões com escritores que não eram de sua época, pelo contrário, em carta enviada a Murilo Miranda, em 26 de abril de 1935, Mário escreve:

“Li o Roberto (romance de Sérgio Milliet) em letra de fôrma e achei o livro excelente. Mas imagino que as



principais razões da excelência hão-de forçosamente escapar a vocês, de outra geração, bem mais marcada já pelos problemas do mundo. Vocês não. Tiveram tempo de viver essa disponibilidade fraudulenta, até de si mesmo, que foi o estádio psicológico da nossa geração imediatamente pós-parnasiana, ou antes, pós-simbolista” (Antelo, 1981, p. 14).

O tratamento no início das cartas dirigidas a esses destinatários é, geralmente, formal. Mário se dirige ao jovem Rodrigo, chamando-o pelo nome: Meu caro Rodrigo; às vezes, diz Rodrigo Dear, em seus dias de maior inspiração para com a vida. Nas cartas enviadas a Murilo Miranda, Mário chama-o pelo nome ou por Meu caro Murilo, mas demonstra uma certa informalidade quando o trata por Murilóide, como por exemplo, na última carta, em 17 de fevereiro de 1945:

“Murilóide querido

Recebi sua carta pedindo pressa na resposta e si demorei pra responder é porque as suas pressas não têm pressa nenhuma. Ando querendo muito bem você depois que as suas cartas espaçaram, é aquela ternura. E aquele entusiasmo. A edição do Manuel pela R.A. está simplesmente estupenda” (Antelo, 1981, p. 180).

Em suas cartas de trabalho, Mário de Andrade procurou estabelecer com seus destinatários uma troca de opiniões críticas, já que foi crítico de arte, função a qual desempenhou muito bem e, certamente, pôde colaborar com o crescimento intelectual da cultura



brasileira. Em carta de 13 de agosto de 1941, remetida a Murilo Miranda, lê-se:

“O que foi que houve que você levou tanto tempo pra me responder? Muito trabalho com o número sobre o Drummond? Está ótimo; o artigo do Emílio Moura é magnífico.(...) O Lins do Rego está gostoso. O Ribeiro Couto dizendo besteira, como sempre. Muito bonito o desenho de Tarsila, simples, tão sensível!!!...” (Antelo, 1981, p. 87).

“S.Paulo, 29-X-42

Murilo

São três horas da manhã, estou chegando e recebendo sua carta. É ingrato, assim, você pedir opinião “urgentíssima” sobre o seu poema. Temo não estar certo. (...). Gostei muito. Mas gostarei depois-damANHã? Tem poemas de Garcia Lorca, por exemplo, (...) que são o que é o seu poema. E todos gostam muito. (...) Assine e publique” (Antelo, 1981, p.130-131) .

Cartas pessoais

As cartas pessoais de Mário de Andrade falavam basicamente de amizade. Para ele, o principal objetivo em escrever essas cartas era poder contar novidades de sua vida pessoal e receber o mesmo de seus destinatários. Assim o fez com Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral.

A correspondência entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira iniciou-se no ano de 1921, quando os dois poetas se encontraram



no Rio de Janeiro. Mário estava divulgando o poema Cenas de Criança e versos, da obra Paulicéia Desvairada. Em carta enviada a Manuel, em 06 de junho de 1922, o poeta Mário comenta sobre esse encontro: “Quando estive no Rio, o ano passado um desejo eu tinha: conversar com o autor dos ‘Sapo’. Realizei meu desejo. Voltei contente” (Moraes, 2000, p. 14).

Com Cecília, a iniciativa da correspondência partiu dela. A princípio, seu interesse era trocar opiniões críticas sobre suas próprias obras com o poeta.

Com Anita Malfatti, muitas vezes, ultrapassava o laço da amizade, e o que se percebe é o amor que poderia existir entre Mário e ela. Em um manuscrito a tinta, encontrado na casa de Mário de Andrade, após a sua morte, Mário descreve seu primeiro encontro com Anita Malfatti, no atelier da pintora:

“Estávamos os dois na penumbra oleosa do atelier. Ela arranjara a tela, preparara as cores, e, gestos nervosos, serpentinos, esboçara o meu retrato. Havia uma alegria de milagre lá fora(...) Anita dera-me a mão, num bom-dia primaveril. (...) Anita criava! Como inconsciente (...) calara-me. Sentia uma comoção reverente, religiosa diante daquela figura feminina, soberanamente energética e artista. (...) Foi, então que, virando-me para a artista, eu lhe falei de nós dois. Disse-lhe desta ânsia de amizade que me inquieta e sacrifica. Disse-lhe que para as almas como as nossas, enclausuradas no sacrifício conventual das artes, apenas um socorro existe: amizade” (Batista, 1989, p. 47-49).

A forma de tratamento nas cartas de Mário para com estes artistas era a mais diversa: Rosa Cecília Meireles Rosa (Meireles, 1996, p.



308); Cecília Meireles minha querida amiga (Meireles, 1996, p. 304); Anitoca do Coração (Batista, 1989, p.103); Nitoca (Batista, 1989, p.129); Manu – “Acho engraçado este apelido de Manu que dei pra você. Te dá um ar de deus indiano tão descolocado que só mesmo carinho de amizade o agüenta” – e Meu caro Manu (Moraes, 2000, p. 245). Manuel Bandeira, respondendo carta de Mário, assina com o apelido de Manula (Moraes, 2000, p. 651). Tarsila, minha querida amiga (Gotlib, 2000, p.83). Na carta de 21 de abril de 1926, Mário trata de maneira original o casal de amigos que estava em Paris, como: “Tarsivaldo, (...) Pois esta é pra desejar felicidades pra Tarsila, não, pra Tarsivaldo porque afinal das contas sei bem que tudo que for felicidade pra um é pro outro” (Gotlib, 2000, p. 95). No decorrer de suas cartas, percebe-se a intimidade que havia com os destinatários. O que predomina é esse laço estreito de proximidade, perceptível nas formas de tratamento e na maneira sincera de tratar os assuntos.

Na carta enviada a Manuel Bandeira, em 12 de dezembro de 1925, Mário diz: “Manu do coração, fui à merda como você me mandou porém fui xingando ‘Manu tá besta!’ todo o tempo” (Moraes, 2000, p.261). E claro que sua amizade para com Manuel Bandeira lhe permitia que se tratassem assim. A intimidade também é visível na carta enviada a Cecília Meireles, em 26 de janeiro de 1942, em que fala: “Cecília, venho lhe beijar as mãos pelo livro de Araraquara” (Meireles, 1996, p. 298). E na carta a Anita Malfatti, em 15 de maio de 1922, Mário de Andrade vai mais longe em relação à intimidade:

“É verdade que grandes provas dessa amizade ainda não dei. Mas também não creio que as grandes provas provem qualquer coisa. Muito mais do que elas, um gesto, um ‘bom-dia’, um olhar indicam a



confiança perfeita, a intimidade perfeita que, essas sim, determinam a incondicional, maravilhosa amizade. O que te posso dizer é que me sinto perfeitamente feliz ao teu lado. Creio em ti. Si tivesse de chorar procuraria tuas mãos para minhas lágrimas, teus ouvidos para meus lamentos” (Batista, 1989, p. 55).

Mário de Andrade demonstrava grande confiança em seus correspondentes. Na carta de 1º de março de 1943, o poeta diz: “Cecília Meireles, minha querida amiga, lhe garanto que é com desespero de causa que me dirijo a você. (...) Ando bastante doente, Cecília. Não se descobre o que é, impossibilitado de trabalhar, a maior parte do tempo na cama, irritado e desanimado” (Meireles, 1996, p. 304).

No decorrer das cartas, Mário procurava se remeter às suas relações de amizade com os interlocutores, promovendo uma reflexão sobre elas. Na carta a Bandeira, de 12 de dezembro de 1925, ele escreve:

“Você me quer muito bem. Você comenta que nossa amizade é carteadada... Isso não quer dizer nada, Manu! Isso é que é o mais puro mais elevado mais masculino feitio e manifestação de amizade. Você me quer um bem danado no que aliás tem certeza que é correspondido ponto por ponto. Repare no carinho infinito, atenção paterna com que você quer que as minhas coisas fiquem excelentes. Não é a gente falando um pro outro ‘eu sou amigo de você’ que mostra amizade não. É num pensamento constante do amigo, é numa palpitação pelo amigo,



é no 'desejo de sentir o amigo' quando se está longe. (...) E, já que entrei nesta explicação de amizade, por 1ª e última vez me deixe falar mais uma coisa de que não me envergonho nem peço retribuição. Eu considero você meu maior amigo, o Amigo, o que eu queria ter ao meu lado na hora da minha morte que como você sabe deve ser uma hora em que a gente não tem tempo pra desperdiçar (...) Eu sei disso porque dentro de suas cartas de vez em quando a amizade espia e vem um bafo quente dela que me faz enormemente confortado e feliz" (Moraes, 2000, p. 261- 262).

Na carta a Anita, também há uma reflexão sobre a amizade entre os artistas. Mário comenta:

"Não sei porque tuas últimas cartas claramente indicam o teu receio de te tornares cacete para comigo. Deixa disso. Será possível que ainda duvides de minha amizade por ti, Anita! (...) A culpa não é minha, Anita. Mas não é por isso, menos verdade que sou inteiramente amigo teu; e que não me caceteará jamais, porque és como uma irmã suavíssima e bem querida" (Batista, 1989, p. 55).

Deve-se ressaltar que essas amizades não eram solidificadas apenas através das cartas. Na carta de 26 de janeiro de 1942, para Cecília Meireles, Mário diz: "me telegrafe quando passar por São Paulo, si houver sobra na sua vida almoçaremos pra conversar.(...) Carícia amiga do Mário de Andrade" (Meireles, 1996, p. 299).

Por vezes, Mário de Andrade era marcado por uma espécie de narcisismo em suas cartas. Ele escrevia sucessivamente sobre si mesmo, parecendo que estava contando todos aqueles assuntos para si.

Em várias de suas cartas, o poeta Mário de Andrade se remete ao Modernismo brasileiro, seja falando de situações, obras ou citando nomes. Na carta enviada a Anita Malfatti, em 22 de outubro de 1924, Mário escreve:

“Recebi ontem o desenho colorido que me mandaste. Os amigos cá estiveram Guilherme⁵ mulher também.(...) Queres a minha opinião sobre ele orgulhosinha? Pois fica sabendo que me entusiasmei. Acho-o estupendo e, como desenho, é francamente o melhor que tenho de ti (...) Si eu não gostasse ou diria francamente a minha opinião, como fiz com a tua Chinesa⁶ ou há poucos dias com o último livro do Osvaldo (Serafim Pontegrade ainda não publicado) (...) Tenho certeza que darás ao Brasil algumas obras iguais ou mesmo superiores talvez ao Japonês⁷ e ao Homem Amarelo⁸. (...) Vou publicar agora a ‘Escrava que não é Isaura’. Até Janeiro receberás o livro. Depois vem o teu ‘Losango’. E o Di⁹? Diga a ele que

5 Guilherme de Almeida, poeta. Incentivador da Semana de 22 e grande divulgador do Movimento Modernista.

6 Pintura de Anita exposta na I Exposição Geral de Belas Artes, em São Paulo, em setembro de 1922.

7 Obra feita por Anita para a Exposição individual de 1917, comprada por Mário de Andrade (ainda com o codinome Mário Sobral).

8 Obra feita por Anita para a Exposição individual de 1917.

9 Di Cavalcanti (Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo). Pintor, desenhista e caricaturista. Incentivador e organizador da Semana de 22 junto com os demais artistas. Após a Semana, estudou arte na Europa, onde amadureceu o espírito e aprimorou suas técnicas. Escreveu para revistas e fez reportagens para jornais. Em 1953, conquistou o título de Melhor Pintor Nacional, ao lado de Alfredo Volpi, na bienal de Artes, em São Paulo. Sua obra encontra-se representada nos maiores museus brasileiros e em museus estrangeiros, como o Museu de Arte Moderna de Paris e o Museu Nacional de Montevideú.



me escreva. E o Brecheret¹⁰ que não me responde às cartas. Manda-me a direção de Zina Aita¹¹ e abraços teus” (Batista, 1989, p. 88-89).

Na carta a Cecília, de 26 de janeiro de 1942, Mário cita ainda o nome de Tarsila do Amaral e fala também de eventos de 1942:

“Agora vou em busca de Mister Biddle¹², já conheceu aí? Apareceu por cá cheio da recomendação, aspirando fixar nas suas telas nossos ‘usos e costumes’ rurais. Embrulhei o ianque em poeirinha de uma semana sem chuva e despachei para a fazenda de Tarsila. Vou ver o que ele fez por lá. Carícia amiga do Mário de Andrade” (Meireles, 1996, p. 299).

Mário também fala nas suas cartas sobre suas mudanças, sua evolução enquanto escritor. Na carta enviada a Bandeira, em 12 de dezembro de 1925, ele escreve:

“Por discricção besta, por seqüestro devido aos resquícios de diletantismo que ainda sobram dentro de mim inda não tive coragem pra te mandar o poema

10 Vitor Brecheret (São Paulo, 1894-1955). Escultor. Em 1913, estudou na Europa, em Roma, onde obteve grandes influências para a sua obra. Seu trabalho foi reconhecido e admirado pelo grupo que iria organizar a Semana de 22, mantendo contato com esses modernistas. Criou a medalha comemorativa do centenário da Independência, em 1920, e fez o grande Monumento às Bandeiras, que se localiza em São Paulo.

11 Zina Aita (Belo Horizonte, Minas Gerais, 1900 – Nápoles, Itália, 1968). Pintora e ceramista. Estava entre os artistas que montaram a Semana de 22. “Sua pintura puxava ao Impressionismo, cores claras, embora sem maior interesse”, disse Araci Amaral, sobre a pintora, em artigo para a revista *Mirante das Artes*.

12 George Biddle, pintor e escultor norte-americano. Veio ao Brasil a convite do Ministro da Educação, Gustavo Capanema, para executar duas pinturas na Biblioteca Nacional.



escrito em outubro passado pra você. É da minha fase nova e tenho a certeza de que nunca escrevi mais elevado coisas mais bem sentidas. É no meu conceito ou na minha concepção atual de Poesia, coisa que começou realmente, que se tornou bem consciente com 'Tarde, te quero bem'. Agora meu desejo é esse: construir o poema pau, o poema que não tem nenhuma excitação exterior, nem de pândega, nem de efeitos nenhuns nem sentimentos vivazes. Nada que construído com o pensamento condicionado o lirismo que tem de ser enorme (senão não transparece) o mais formidável que puder, porém duma ardência como que escondida porque inteiramente interior" (Moraes, 2000, p. 262).

Ainda sobre esta fase, Mário reconhece seu período de transição através da dificuldade de fazer algo diferente. Continua, nesta mesma carta, dizendo:

"Muitas vezes tenho tentado fazer poemas deste meu novo gênero sem poder... Requer uma disposição toda especial e tão concentrada de lirismo que não é muito comum a gente se achar nela. O poema enormemente ingênuo!... Tenho ainda nesta fase um 'Ponteando sobre o rapaz morto' que principia com esta ingenuidade enorme: 'Morto, suavemente ele repousa sobre as flores do caixão. E dou minha palavra que não pretendi fazer primitivismo, saiu" (Moraes, 2000, p. 262).



Nas cartas a Cecília, às vezes, Mário comentava sobre seus trabalhos; observa-se que esse não era o assunto principal das cartas. Na carta a Cecília, de 26 de janeiro de 1942, Mário cita o SPHAN: “já estou imaginando um sobre tetos pintados das igrejas paulistanas, há coisas ótimas e vou ver si consigo fotos boas com o SPHAN” (Meireles, 1996, p.298). E na carta de 1º de março de 1943, também a Cecília, Mário se refere às suas atividades depois da publicação do livro Poesias:

“Preciso de alguma forma me comunicar com José Osório de Oliveira em Lisboa. Desde a publicação das minhas Poesias, tenho pretendido isso e não há meios de conseguir. No entanto já mandei o livro até na mala do Ministério das Relações Exteriores! E por outro lado, recebo tudo dele, livros que publica, cartas queixosas, o diabo. (...) O que pretendo mandar a ele é um, não, são dois volumes e um opúsculo” (Meireles, 1996, p. 304).

A troca de trabalhos entre o remetente Mário e seus destinatários é freqüente. Na carta escrita a Anita, de 15 de maio de 1922, Mário envia, ao final, o poema Noturno¹³ (Batista, 1989, p. 56-58), provavelmente para que a amiga lhe enviasse, depois, suas críticas. Em outra carta enviada a Anita, em 22 de outubro de 1924, Mário manda o poema Balada da Cama de Gonçalo Pires¹⁴ (Batista, 1989, p. 89-90).

Na carta de 12 de dezembro de 1925, enviada a Manuel Bandeira, Mário mostra, explicitamente, que ele gosta de obter opiniões sobre seus trabalhos: “Você me pergunta: Será mesmo que você pensa que

13 Poema incluído, com pequenas alterações, em Paulicéia Desvairada.

14 Poema que, mais tarde, recebeu o nome de Moda da Cama de Gonçalo Pires, e foi incluído em Clã do Jabuti.



eu te aprecio porque te quero bem? Nunca imaginei isso e a prova é a importância que os reparos críticos de você sobre as minhas coisas tem pra mim.” (Moraes, 2000, p. 261).

E com seus amigos, também exerce a função de crítico. Na carta a Anita, Mário escreve: “Ora eu te digo gritado que o teu desenho é muito bom e bem teu. Isso! Minha Anita. Continua assim a trabalhar, estudar, criar e fazer coisas grandes” (Batista, 1989, p. 88).

Em suas cartas, Mário, muitas vezes, se remete às cartas anteriores. Na carta a Anita, ele diz: “Não sei porque tuas últimas cartas claramente indicam o teu receio de te tornares cacete para comigo” (Batista, 1989, p. 55).

Na carta de 12 de dezembro de 1925, a Manuel, escreve:

“Porém o que motivou o arrebitamento daquela minha carta não foi querer que você goste das minhas coisas ou coisa parecida(...)O que eu quero não é que vocês não me apreciem e o digam (isso anima) quero mais é que vocês não me obriguem a dar mais do que posso e esperem de mim mais do que posso dar. Me deixem poetinha menor” (Moraes, 2000, p. 262).

E em carta de 26 de janeiro de 1942, a Cecília: “Quanto ao caso das medalhas a que você se refere na sua carta, não sei que é! Que história de medalha é essa!” (Meireles, 1996, p. 299). Portanto, para se compreender, muitas vezes, alguns assuntos tratados em carta por Mário de Andrade, é preciso ler cartas anteriores.



Conclusão

Querido Mário,

Antes de tudo, envio-te esta carta para que saibas que te admiro pra cacete, como tu dizias aos teus maiores amigos durante a vida. Quero te agradecer pela oportunidade de escrever um trabalho sobre ti. E por tu nunca teres levado a sério teus acessos de raiva em não permitir a publicação de tuas cartas, com medo da revelação de tuas contradições biográficas.

Concluí, com este trabalho que ora encerro, que as cartas escritas por ti levam algo maior que traçar o perfil de tua personalidade: revelam um panorama daquilo que foi o Modernismo brasileiro, apontam as tuas concepções artísticas dentro deste movimento e sobre o mundo, falam do teu método de criação artística e, principalmente, mostram o teu questionamento sobre a utilização da correspondência. A teia literária possibilitada pelas cartas que tu escreveste é muito interessante para qualquer estudioso das artes plásticas e da literatura do século XX.

Tuas cartas me aproximaram de tua obra, ainda que hoje eu só tenha lido Macunaíma (por sinal, me diverti horrores com as peripécias deste herói). Essa aproximação me permitiu concluir que as obras literárias dizem muito pouco de seus autores perto daquilo que as cartas podem revelar.

Antônio Cândido estava certo quando disse que tua obra teria devotos fervorosos... Uno-me a estes.

Um abraço gentil,

Tua Aninha

Obs.: Lembranças a Anita. Diga-lhe que ainda choro quando olho para a obra O Farol.



Referências bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. 2ª ed. revista. Rio de Janeiro: Record, 1978a.
- ANDRADE, Mário de. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. LOPEZ, Telê Porto Ancona (org.), Edição crítica. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978b.
- ANTELO, R. (org.). Mário de Andrade. Cartas a Murilo Miranda. 1934/1935. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1981.
- BATISTA, M. R. (org.). Cartas a Anita Malfatti (1921-1939). Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1989.
- BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, [s.d.]
- FROTA, L. C. (org.). Cartas de trabalho: correspondência de Mário de Andrade com Rodrigo Mello Franco de Andrade: 1936-1945. Brasília: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Fundação Pró-Memória, 1981.
- GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádía Battella. Prezado senhor, Prezada Senhora: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GOTLIB, Nádía Battella. Tarsila do Amaral, a modernista. São Paulo: SENAC, 2000.
- MEIRELES, Cecília. Cecília e Mário. VILLELA, Maria Ângela (org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- MORAES, M. A. de (org.). Correspondência: Mário de Andrade e Manuel Bandeira. São Paulo: Edusp/IEB, 2000.



- **ORSINI, Elisabeth.** *Cartas do coração: uma antologia do amor.* Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- **PAES, José Paulo Paes; MOISÉS, Massaud (Org.).** *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira.* 23ª ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1980.
- **PONTUAL, Roberto.** *Dicionário das Artes Plásticas no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
SÜSSEKIND, Flora. *Papéis Avulsos 26. Cabral, Bandeira, Drummond: Alguma Correspondência.* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996.
- **VELLOSO, Verônica Pimenta.** *Cartões-Postais: Fragmentos da Memória Familiar.* Rio de Janeiro: UNIRIO/Centro de Ciências Humanas, 1999. *Dissertação de Mestrado.*

